# CENTRO EXCURSIONISTA PETROPOLITANO



## Nesta edição


DECLARAÇAO DE TIROL

PEDAL PELAS DOLOMITAS

CAMINHOS DOS ANDES: EXPEDIÇÃO BOLÍVIA

E MAIS!


Boletim Setembro/ Outubro 2026

**Centro Excursionista Petropolitano**
**Fundado em 15 de maio de 1958**

**Sede: Rua Irmãos D'Ângelo, 39, s/l 5**
**Centro - Petrópolis / RJ - CEP: 25685-330**

**Funcionamento:**
**Quartas e Sextas de 18h a 20h**

cep.petropolitano@gmail.br
cep.centroexcursionistapetropolitano
cep_excursionistapetropolitano
www.petropolitano.org.br

**Diretoria Biênio 2026-2027**

Presidente: Alfredo Eccard
Comunicação: Nina Silva
Patrimônio: Natania Kronemberger
Administrativo/Financeiro: Marcelo de Figueiredo
Técnico: Paulo Lucio Tesch Loureiro

Colaboraram neste boletim:
Natania Kronemberger, Anderson Nick, Paulo Lucio Tesch Loureiro, Alfredo Eccard e Nina Silva

Capa: Glaciar Condoriri, Bolívia. Foto: Anderson Nick

Este boletim é um informativo bimestral, destinado não somente aos associados do CEP, mas a todo o excursionista brasileiro, sem fins lucrativos, assim como a entidade a qual representa. Os artigos nele contidos refletem a posição dos autores e não necessariamente da instituição. O CEP não se responsabiliza pela má interpretação dos artigos aqui contidos, nem pelo uso ou mau uso deles. A reprodução do conteúdo deste boletim pode ser feita, desde que mencionado o nome do Centro Excursionista Petropolitano, o mês e o autor.

03 **Comunidade CEP**
Aniversariantes, novos sócios e informes financeiros

04 **A Declaração de Tirol**

07 **Caminhos dos Andes: Expedição Bolívia**
Por Anderson Nick

11 **Pedalando nas Dolomitas**
Por Alfredo Eccard

21 **Guardiões da Serra: o trabalho invisível que protege o PARNASO do fogo**
Por Natania Kronemberger

25 **Rolou no CEP**

30 **Vai rolar no CEP**
Programação bimestral

32 **Notas**

# ANIVERSARIANTES

## SETEMBRO

**01.09** Eduardo Gelli Araujo
**01.09** Lourenço Lustosa Fróes da Silva
**04.09** Matheus Carvalho dos Santos
**05.09** Maria Helena Ramos Brand
**09.09** Dalton Chiarelli dos Santos
**10.09** Luiz Claudio Rodrigues Antunes
**13.09** Erika Luise Schelble
**15.09** Simone Guimarães Correa
**19.09** Daniel Evangelista Coelho
**19.09** Mirian Santana Alves
**20.09** Claudio Murilo F. de Souza Junior
**25.09** José Paulo Ramos Martins
**27.09** Maximiliano Couto Cabral



## OUTUBRO

**01.10** Tiago Joffily Coutinho
**03.10** Luciano Vogel
**03.10** Mariana Luzia F. de Almeida
**05.10** Carlos Mollica Medeiros
**05.10** Francine Guedes Ribeiro
**05.10** Ronald Pietre
**07.10** José Rubens Corrêa Bruno
**07.10** Natania Gabriela Kronemberger
**15.10** Anderson Roberto Fragoso
**16.10** Ana Cristina Tesch Loureiro
**17.10** Marcelo de Figueiredo
**19.10** Gilberto Aloisio Amaro
**24.10** Ana Paula Tesch Loureiro
**29.10** Alexandre Pimenta Ribeiro
**29.10** Letícia Castilhos Leal Fliess
**29.10** Maurício Cordeiro de Mello
**31.10** Vinícius Thiago da Silva

# NOVOS SÓCIOS

**1583** André Luiz Alves da Silva
**1584** Mariana Ribeiro Vidal
**1585** José Rubens Corrêa Bruno
**1586** Andréa Meira Ázara
**1587** Paulo Roberto de Jesus Viana
**1588** Viviane Tomaz Lopes
**1589** Michelle Ramos da Silva

*Bem-vindos!*

# TAXAS E MENSALIDADES

**Trimestralidade: R$ 60,00**
**Excursão p/ não sócios: R$ 50,00**
(São isentos os convidados pessoais do guia)

**Dados para Pagamento**
**Banco:** Itaú (341)
**Favorecido:** Centro Excursionista Petropolitano
**Chave PIX (CNPJ)**: 30.238.950/0001-10

### Lembrete aos associados

Passamos da metade do ano e lembramos a importância de manter as trimestralidades em dia.
Reforçamos que sócios inadimplentes poderão ser desligados do quadro social caso as pendências não sejam regularizadas.
Em caso de dúvidas, procure a diretoria.

# A DECLARAÇÃO DO TIROL

O montanhismo sempre foi muito mais do que vencer uma trilha, escalar uma parede ou alcançar um cume. Existe por trás dessas atividades uma cultura construída ao longo de gerações, baseada em responsabilidade, companheirismo, respeito e cuidado com as montanhas.

Em 2002, durante a Conferência sobre o Futuro dos Esportes de Montanha, realizada em Innsbruck, na Áustria, esses valores foram reunidos na **Declaração do Tirol sobre a Boa Prática nos Esportes de Montanha.**

A Declaração não pretende ser um conjunto de regras. Ela propõe princípios que podem orientar nossas decisões justamente nas situações em que não existe uma regra capaz de dizer exatamente o que devemos fazer.

Entre seus valores fundamentais estão a **dignidade humana, a solidariedade, a preservação da natureza, a responsabilidade, a honestidade, a busca pela excelência e o espírito de aventura.**

Seus dez artigos tratam de temas que fazem parte da rotina de qualquer montanhista. Segue uma versão simplificada:

**1. RESPONSABILIDADE INDIVIDUAL**
Cada praticante deve conhecer seus próprios limites, escolher objetivos compatíveis com sua experiência e assumir responsabilidade pela própria segurança, sem colocar outras pessoas ou o ambiente em risco.

**2. ESPÍRITO DE EQUIPE**
Na montanha, o interesse individual não pode estar acima da segurança e das necessidades do grupo. Em determinadas circunstâncias, recuar, esperar ou mudar um objetivo faz parte do montanhismo.

**3. COMUNIDADE MONTANHISTA**
Respeito, solidariedade e cooperação devem prevalecer entre aqueles que encontramos nas montanhas. Ninguém deve ser discriminado e devemos evitar colocar terceiros em risco.

**4. RESPEITO ÀS COMUNIDADES LOCAIS**
Quando visitamos outras regiões, devemos respeitar seus moradores, costumes, regras e tradições, procurando também contribuir positivamente para a economia e a comunidade local.

**5. RESPONSABILIDADE DOS GUIAS E LÍDERES**
Quem conduz uma atividade tem uma responsabilidade especial: avaliar riscos, conhecer as condições, selecionar objetivos adequados ao grupo e comunicar claramente as dificuldades envolvidas. Os participantes, por sua vez, também mantêm responsabilidade sobre suas próprias decisões.

**6. EMERGÊNCIAS E ACIDENTES**
Ajudar alguém em situação de perigo tem prioridade sobre alcançar um objetivo ou um cume.

**7. ACESSO E CONSERVAÇÃO**
A liberdade de acesso às montanhas deve caminhar junto com a responsabilidade ambiental. Preservar a natureza e respeitar as regras estabelecidas para cada área fazem parte da própria ética do montanhismo.

**8. ESTILO**
A forma como realizamos uma atividade pode ser tão importante quanto o resultado. A Declaração valoriza a experiência, a autonomia e a ideia de deixar o mínimo possível de marcas de nossa passagem.

**9. PRIMEIRAS ASCENSÕES**
Abrir uma nova via ou realizar uma nova ascensão implica responsabilidade com o ambiente, com as tradições locais e com aqueles que virão depois.

**10. COMUNICAÇÃO, PUBLICIDADE E PATROCÍNIO**
O montanhista deve relatar suas atividades com honestidade e contribuir para que a sociedade compreenda corretamente os valores e os riscos dos esportes de montanha.

Talvez uma das ideias mais importantes da Declaração do Tirol seja justamente esta: **a montanha nos oferece liberdade, mas essa liberdade vem acompanhada de responsabilidade.**

Para o CEP, fundado sobre uma longa tradição de convivência com as montanhas, esses princípios permanecem especialmente atuais.

Organizar uma atividade, conduzir um grupo, ajudar um companheiro, respeitar os limites de quem está conosco, cuidar de uma trilha, preservar uma área natural ou simplesmente saber a hora de voltar são diferentes manifestações da mesma cultura.

O cume é importante.

**Mas a maneira como chegamos até ele — e como tratamos as pessoas e a montanha ao longo do caminho — talvez seja ainda mais.**

Centro Excursionista Petropolitano – CEP



# CAMINHOS DOS ANDES: EXPEDIÇÃO BOLÍVIA

## ANDERSON FRAGOSO "NICK"

Iniciarei estas palavras trazendo o leitor a percorrer junto comigo os mais diversificados entendimentos culturais que de certa forma, de uns anos pra cá, tornou-se uma extensão de alto conhecimento em minha trajetória montanhista pela cordilheira dos Andes.

Toda narrativa começa intensificando a grandeza de um povo sofrido, o qual luta bravamente para ter reconhecimento sobre sua longa jornada cultural.

Assim, como nos anos anteriores, tal como ocorreu em minha primeira ascensão para este país, em uma reunião com o grande amigo e exímio mentor, Jeferson Costa, consegui externar a possibilidade de nosso retorno para Alta montanha. Como um amante insaciável por desafios, fui logo incentivando: "¡Hola amigo, nosotros tenhamos que seguir lá Montanha¡ Que tal, vamonos"...? Esta é,e sempre será uma forma com que lembrarei destes grandes professores da simplicidade!

Chegamos a Lá Paz e a situação não era das melhores: O país vem sendo usurpado por uma grande massa política, a qual não necessariamente está em conformidade aos direitos sociais, culturais e econômicos para a estruturação do país. Foram prometido vários benefícios sociais, como: Melhores condições de saúde, educação para todos e, direitos indiscutíveis sobre suas terras, no entanto, assim como vários figurões quando no poder não condizem às suas promessas, estes benefícios foram o objetivo de aniquilar uma população.

Reivindicaram, ainda que baseados nestas promessas: planos hospitalares, escolas privadas e o mais absurdo, dispuseram uma forma de crédito, para que os aldeões no propósito de crescimento, estivessem em condições monetárias para se desenvolverem; entretanto, esta jogada de crédito, acarretou em uma dívida ativa com pendências em promissórias por suas terras, onde não conseguindo quitar, os mesmos deveriam perder suas moradias e serem redirecionados para um novo plano.

Desta maneira, o confronto estava se iniciando, Lá Paz estava irreconhecível, em plena temporada de Montanhismo: uma das marcas culturais e sócio econômica que mais contribui para arrecadação, estava sob pressão, às ruas que antes estavam sempre lotadas por estrangeiros, já não eram as mesmas.



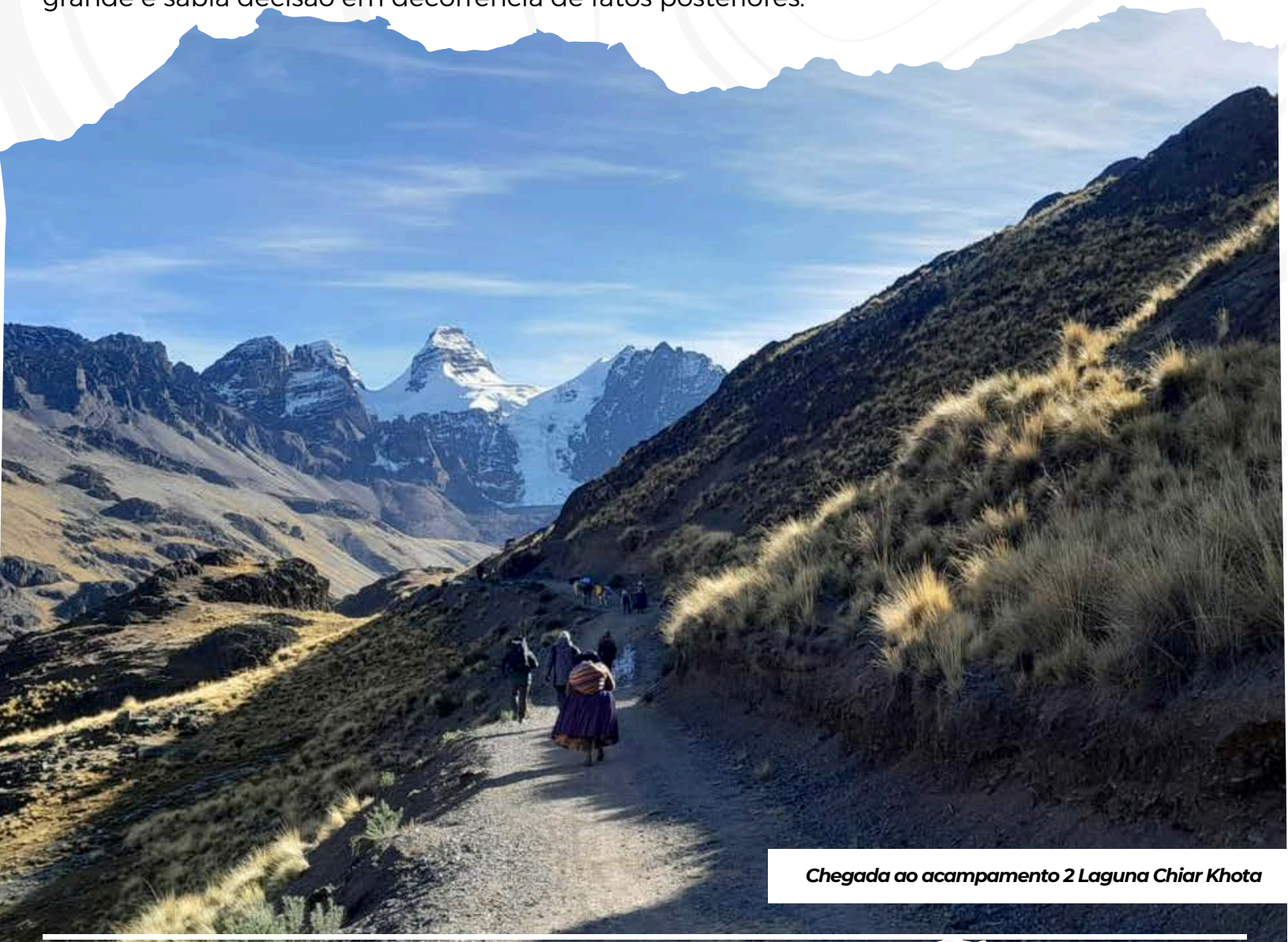
Cenas das manifestações em La Paz

Nossa insegurança era cada vez mais contínua em nossos pensamentos e, com as agências fechadas, fomos limitados em informações que chegavam, vez ou outra, por pessoas no Hotel. Ou seja, levando em consideração ao cronograma, já tínhamos a certeza de que haveria modificações.

Após uns dias, retornamos à agência e iniciamos às conversas. Conseguimos a informação de que poderíamos chegar a região do Condoriri por uma rota alternativa e que seria necessário sair pela madrugada para furar os bloqueios que estavam cada vez mais assíduos nas estradas. Nessas condições, às 04:00h com tudo arrumado, o coche ( carro) estava a nos buscar.

Parecia cenas de filme, ou até mesmo os fatos que ocorrem nas fronteiras entre os Estados Unidos e o México. Há todo momento a atenção reforçava nossas expectativas com aflição de sermos abordados nos bloqueios. Porém, a eficiência de nosso motorista nos acalmava, dando segurança e vontade de chegar aos nossos objetivos.

Primeira fase favorável, chegamos ao destino e nos instalamos no abrigo 2 da Laguna Chiar Khota com seus 4.700mnsm, já que o plano original era ficarmos em barracas; uma grande e sábia decisão em decorrência de fatos posteriores.



***Chegada ao acampamento 2 Laguna Chiar Khota***

Com tudo preparado e a vontade de subir, iniciamos nossa aclimatação nas montanhas ao redor. Primeira a ser escolhida foi o Glaciar do Condoriri, caminhada a nível moderado com aproximadamente 5.000 altitude até sua base, onde permanecemos por bastante tempo, para que assim conseguíssemos maiores resistências futura.

Fato concluído e, retorno ao acampamento; no dia seguinte foi a vez de encararmos o Pico Áustria, com seus 5.350m que por sinal, a janela nos propiciou condições ótimas de chegada ao cume.

Todavia, a situação começa a dar seu ar de indecisão, à noite a neve começou a cair com uma vontade surpreendente, dando ainda mais aventuras a nossa expedição. Já no dia seguinte, a paisagem era totalmente fora do que havíamos presenciado até momentos antes, o que nos intensificou a vontade em aceitar que o dia seria de folga, descontraindo um pouco com brincadeiras com neve.



***Renan, Jeferson e Nick no cume do pico Áustria***

Acompanhando a climatologia, vimos que a janela estaria aberta novamente no dia posterior, para que assim continuássemos. Então na madrugada, por volta de 01:00h começamos os preparativos para o ataque a nosso próximo cume: era a vez de iniciar o Glaciar Tarija 5.300mnsm. Cordadas montadas, iniciamos o Glaciar: Renan e eu, Jeferson e Cláudio Lobo. Com a neve muito fofa a dificuldade aumentava ainda mais, já que éramos a primeira cordada da parede. Trajeto superado, por volta de 06:30 chegávamos ao cume, dando ainda mais vontade de prosseguir, tendo ao fundo o expressivo pequeno Alpamayo. Surgiu então mais um convite: *"E aí Renan, vamos pegar aquele cume"*, voltei a incitar os desafios. De prontidão Renan aceitou e conduzimos nossos próximos passos por aquela crista surpreendente; lá estava nossa concretização: o cume do pequeno Alpamayo com seus 5.450mnsm.

Devido às dificuldades imposta pela parede e com uma pequena desvantagem progressiva para um de nossos companheiros, a segunda cordada com uma sensata observação por parte do guia, achou necessário a conclusão até o cume do Glaciar Tarija.

*(continua no próximo boletim)*



***Pequeno Alpamayo, vista do cume do Glaciar Tarija***

# PEDALANDO NAS DOLOMITAS

Como planejamos uma viagem de bicicleta entre Cortina d'Ampezzo, Val Gardena e o Lago di Garda

ALFREDO ECCARD

Viajar para as Dolomitas já seria, por si só, uma experiência marcante para qualquer amante das montanhas. Fazer isso de bicicleta acrescentava um componente diferente: não queríamos apenas conhecer a região, mas percorrê-la com calma, atravessando vales, pequenas cidades e grandes maciços que tornam esse trecho dos Alpes tão particular.

Antes de embarcar, porém, havia uma etapa talvez menos fotogênica, mas fundamental para que tudo funcionasse: o planejamento.

Organizar uma viagem de bicicleta no exterior envolve muito mais do que escolher alguns lugares interessantes no mapa. Era preciso encontrar cidades que funcionassem bem como bases, entender a logística dos deslocamentos, localizar empresas confiáveis para o aluguel das bicicletas e, principalmente, definir percursos que fossem bonitos, interessantes e compatíveis com o grupo.

**A escolha das cidades**

A primeira decisão foi estabelecer quais seriam nossas bases. Em uma região tão extensa e com tantas possibilidades, a tentação inicial é querer conhecer tudo. Rapidamente percebemos, porém, que trocar constantemente de hotel significaria perder muito tempo com malas, deslocamentos e logística.

A escolha das cidades passou por alguns critérios: localização em relação às montanhas e aos percursos que queríamos fazer, facilidade para encontrar hospedagem e restaurantes, disponibilidade de bicicletas e, principalmente, a possibilidade de realizar diferentes pedais partindo de uma mesma base.

Escolhemos Cortina d'Ampezzo, Selva di Val Gardena e, por fim, Riva del Garda. A partir dessas três bases, a viagem começou a ganhar forma. Em vez de pensar apenas em uma sequência de cidades, passamos a enxergar cada local como o centro de uma pequena região a ser explorada de bicicleta.

**Encontrando as bicicletas**

Definidas as bases, surgiu uma questão essencial: levar nossas próprias bicicletas ou alugá-las na Itália?

Transportar bicicletas em uma viagem internacional acrescentaria custos e uma logística considerável. Optamos, portanto, pelo aluguel no destino.

A pesquisa envolveu avaliar não apenas preços, mas também os tipos de bicicleta disponíveis, autonomia das baterias no caso das e-bikes, tamanhos de quadro, equipamentos fornecidos e localização das lojas em relação aos hotéis e aos pontos de partida dos nossos percursos.

Em Cortina d'Ampezzo, alugamos as bicicletas na Morotto Bikes, e a experiência foi muito boa. Em Selva di Val Gardena, conseguimos alugar as bicicletas no próprio hotel. Já em Riva del Garda, utilizamos a Elite Sport.

Nas Dolomitas, distância em quilômetros conta apenas parte da história. O ganho de elevação pode transformar um percurso aparentemente curto em um dia bastante exigente, e a escolha correta da bicicleta interfere diretamente no tipo de roteiro que pode ser realizado.



*As formas monumentais das Dolomitas acompanham o percurso.*

**Desenhando os percursos**

Com cidades e bicicletas definidas, começou aquela que talvez tenha sido a parte mais divertida do planejamento: desenhar os pedais.

A ideia não era simplesmente acumular quilômetros. Queríamos passar por lugares interessantes, aproveitar as paisagens e construir percursos que realmente nos permitissem conhecer a região.

Para cada dia foram considerados fatores como distância, ganho de elevação, tipo de piso, possibilidade de alimentação durante o percurso, pontos de interesse e alternativas para encurtar ou modificar o trajeto caso fosse necessário.

Usei diversos sites para pesquisar as possibilidades, assisti a inúmeros vídeos no YouTube e, por fim, desenhamos os trajetos no Garmin Connect.

A topografia das Dolomitas exigia atenção especial. Em um mapa, duas localidades podem parecer muito próximas, mas entre elas pode existir um passo de montanha com centenas — ou mesmo mais de mil metros — de desnível. Por isso, cada percurso precisou ser analisado não apenas horizontalmente, mas também verticalmente.

A programação previa dois dias de pedal em cada base, procurando alternar uma atividade mais tranquila com outra mais exigente.

**Cortina d'Ampezzo**

Nosso primeiro pedal em Cortina foi pela Ciclovia delle Dolomiti, construída em grande parte sobre o antigo leito ferroviário que atravessava a região. É um percurso muito agradável, com pontes, túneis e vistas impressionantes das montanhas. Seguimos em direção ao norte até Dobbiaco e depois retornamos a Cortina.



*Mapas e navegação continuaram presentes durante a viagem*

Era exatamente o tipo de pedal que queríamos para o primeiro dia: permitia conhecer a região, ajustar as bicicletas e começar a entender a escala das montanhas ao nosso redor.

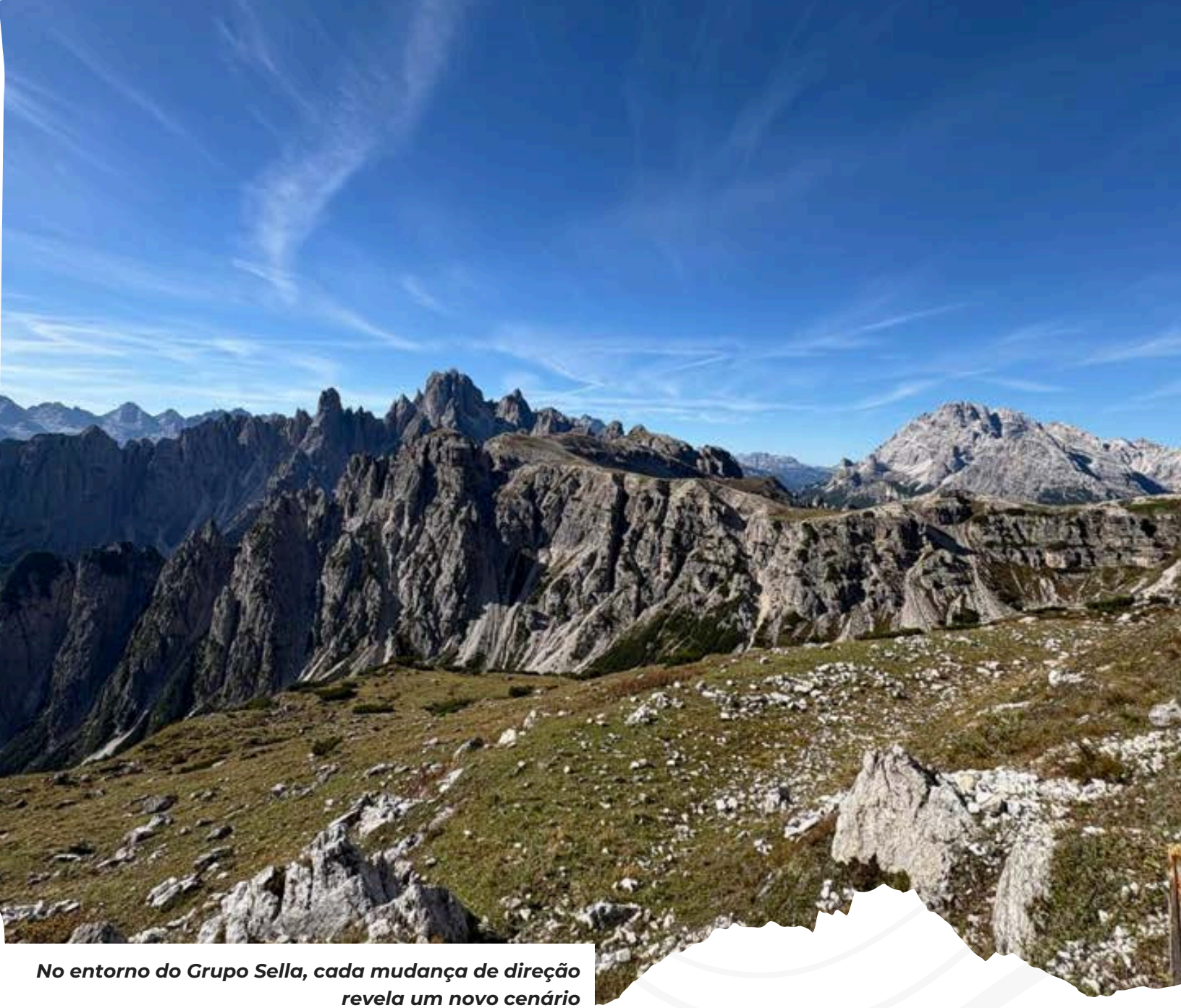
No dia seguinte veio algo completamente diferente: a Rota dos Cinco Refúgios. O trajeto foi muito mais desafiador, com subidas fortes, descidas íngremes e trechos tecnicamente mais exigentes. Em compensação, as paisagens eram impressionantes. A cada subida surgia uma nova perspectiva dos maciços ao redor de Cortina.

Foi também nosso primeiro contato mais próximo com uma das características mais interessantes das Dolomitas: os refúgios de montanha. Eles são muito mais do que simples pontos de apoio. Cada um tem sua atmosfera, sua gastronomia e suas especialidades.

Depois de algumas horas pedalando, parar diante das montanhas para comer alguma coisa e tomar um chope gelado — ou um Radler, a popular mistura de cerveja com refrigerante cítrico — rapidamente passou a fazer parte da experiência.



***Cortina d'Ampezzo, uma das bases escolhidas.***



***No entorno do Grupo Sella, cada mudança de direção revela um novo cenário***

**Selva di Val Gardena**

Em Selva di Val Gardena estava programado um dos pedais que mais despertavam expectativa no grupo: o Sellaronda MTB Tour. O percurso utiliza os lifts das estações de esqui para permitir que os ciclistas contornem o Grupo Sella, um dos maciços mais impressionantes das Dolomitas. Contratamos dois guias locais para nos acompanhar.

Na prática, porém, o Sellaronda mostrou-se mais difícil do que imaginávamos. O terreno tinha trechos tecnicamente exigentes, havia diferenças importantes de habilidade entre os participantes e nosso grupo era relativamente grande. Percebemos que tentar completar todo o circuito não seria uma decisão adequada. Mudamos o plano e fizemos apenas parte do tour.

Longe de representar uma frustração, essa mudança acabou proporcionando um dos dias mais memoráveis da viagem. Utilizamos os lifts transportando as bicicletas montanha acima e depois descíamos por single tracks cercados por algumas das paisagens mais espetaculares de todo o roteiro.



***Pastagens e montanhas no Alpe di Siusi.***

**Alpe di Siusi**

No segundo dia em Val Gardena, seguimos para Alpe di Siusi. Se existe um lugar que parece ter sido retirado de um cartão-postal, provavelmente é esse.

Descemos alguns quilômetros até Ortisei, situada a cerca de 1.236 metros de altitude, e de lá utilizamos a gôndola Ortisei–Alpe di Siusi, desembarcando próximo dos 2.000 metros. Em poucos minutos, ganhamos cerca de 800 metros de altitude e chegamos a um cenário completamente diferente.

Ao chegar ao alto, a paisagem muda completamente. Um enorme planalto de pastagens verdes se abre diante dos olhos, cortado por inúmeras trilhas e pequenas estradas, cercado pelos grandes maciços das Dolomitas. Chalés e refúgios aparecem espalhados pelo caminho enquanto as montanhas dominam o horizonte. Para quem gosta de pedalar, é difícil imaginar cenário melhor.

.



***Do alto da Strada del Ponale, o Lago di Garda domina a paisagem.***

**Riva del Garda**

Nossa última base foi Riva del Garda, já às margens do Lago di Garda. Ali fizemos um dos percursos mais impressionantes da viagem: a Strada del Ponale.

A antiga estrada sobe pelas paredes da montanha acima do lago, ganhando altitude por uma sequência de túneis e curvas. À medida que avançamos, o Lago di Garda vai ficando cada vez mais abaixo e a vista se amplia.

O percurso nos levou a ganhar aproximadamente 1.300 metros de elevação, proporcionando vistas extraordinárias de boa parte do lago.

No dia seguinte, seguimos em direção a Limone sul Garda, conhecida também pelo cultivo histórico de limões e pela produção de limoncello. Nesse trecho percorremos a famosa ciclovia construída junto às paredes da montanha, com trechos suspensos diretamente sobre as águas do Lago di Garda.

Depois de tantos dias cercados pelos maciços das Dolomitas, terminar a viagem pedalando sobre um enorme lago alpino criou um cenário completamente diferente — e um ótimo encerramento para o roteiro.

**O planejamento encontra a realidade**

Como em praticamente toda atividade de montanha, o roteiro traçado em casa não deve ser encarado como uma obrigação. Clima, disposição do grupo, condições do terreno, funcionamento dos transportes e até aquilo que descobrimos no próprio lugar podem justificar mudanças.

E foi justamente essa combinação entre planejamento e flexibilidade que tornou a viagem mais tranquila.

Havíamos reservado três dias em cada cidade, mas planejado pedalar em apenas dois deles. Essa margem mostrou-se uma das decisões mais acertadas de toda a organização. Como tínhamos um dia livre em cada base, pudemos acompanhar a previsão do tempo e escolher os melhores dias para pedalar.

Em pelo menos duas ocasiões isso fez grande diferença, permitindo evitar dias de chuva sem comprometer nenhum dos principais percursos previstos.

**Algumas lições**

Depois da experiência, ficou claro que organizar uma viagem desse tipo sem contratar um pacote pronto é perfeitamente possível, mas exige pesquisa.

Escolher bases bem posicionadas mostrou-se mais importante do que simplesmente incluir muitas cidades. Reservar as bicicletas com antecedência eliminou uma das principais incertezas da viagem. E estudar cuidadosamente a altimetria e o tipo de terreno dos percursos revelou-se tão importante quanto conhecer suas distâncias.

Também aprendemos que aquilo que parece perfeitamente viável diante da tela do computador pode se apresentar de maneira muito diferente quando encontramos a montanha de verdade. O Sellaronda foi o melhor exemplo disso.

E talvez essa seja a principal conclusão da viagem, bastante familiar a quem pratica montanhismo: um bom planejamento não existe para engessar uma atividade, mas para nos dar melhores condições de tomar decisões quando estamos nela.

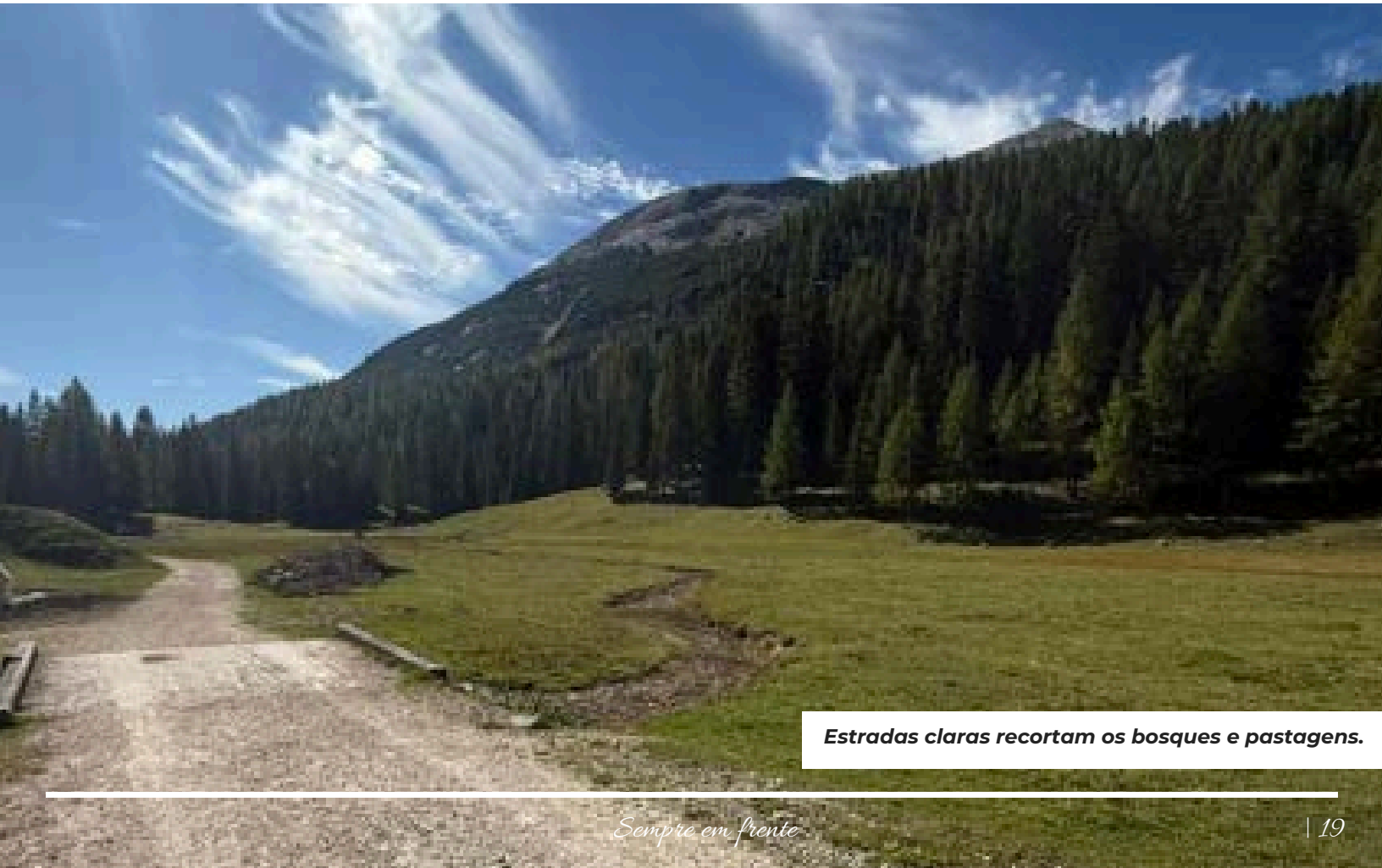
Nas Dolomitas, esse planejamento começou meses antes, diante de mapas, vídeos e telas de computador. Quando finalmente subimos nas bicicletas e começamos a pedalar entre aquelas montanhas, boa parte desse trabalho deixou de aparecer.

Restaram os caminhos, os refúgios, os lifts, as descidas, as subidas, os amigos e algumas das paisagens mais extraordinárias que já havíamos visto. E isso provavelmente é um dos melhores sinais de que o planejamento funcionou.





*Terreno aberto e grande amplitude visual.*



*Estradas claras recortam os bosques e pastagens.*



*Pedal em estrada de cascalho entre vales e florestas.*



*Uma pausa com a bicicleta diante das montanhas*



*O clima nas montanhas muda rapidamente*



*Compartilhando o caminho com alguns moradores*

# GUARDIÕES DA SERRA:

## O TRABALHO INVISÍVEL QUE PROTEGE O PARNASO DO FOGO

NATANIA KRONEMBERGER

O Parque Nacional da Serra dos Órgãos e seu entorno têm sido palco, só em 2026, de mais de um episódio grave: em abril, um incêndio atingiu áreas de difícil acesso na parte alta do parque, com focos no Morro do Açu, no Pico da Bandeira e na região da Isabeloca, exigindo três dias de combate contínuo. Em julho, um novo episódio começou no bairro do Bonfim, em Corrêas, quando um balão foi visto perdendo altitude antes de cair sobre a vegetação — as chamas se espalharam rapidamente e permaneceram ativas por mais de doze horas. Em ambos os casos, a origem suspeita foi a mesma: a queda de balões incendiários.

O que para alguns é apenas uma tradição festiva é, na prática, um crime ambiental — tipificado pelo artigo 42 da Lei de Crimes Ambientais (nº 9.605/98), com pena de um a três anos de detenção, além de multa. Cada balão solto é uma bomba incendiária em potencial: ao cair sobre a vegetação seca dos campos de altitude, pode devastar em poucas horas ecossistemas que levam décadas para se recuperar, ameaçando espécies raras da fauna e da flora e colocando em risco a vida de quem vive e trabalha na montanha.

A recorrência desses episódios revela um padrão preocupante, sobretudo no período de estiagem, quando a vegetação seca e os ventos fortes favorecem a rápida propagação do fogo. E quando as chamas atingem áreas de difícil acesso — encostas íngremes, trechos remotos da travessia Petrópolis-Teresópolis — o combate convencional não chega. Nesses casos, o trabalho recai sobre os brigadistas: profissionais que, por dias seguidos, sobem a serra a pé, carregando equipamento, para conter o fogo em condições extremas de calor, fumaça e terreno hostil. É um trabalho técnico, fisicamente exaustivo e essencial — mas que raramente aparece nos holofotes.

Diante disso, cabe a cada um de nós, montanhistas e frequentadores dessas trilhas, duas responsabilidades simples: nunca soltar balões e denunciar imediatamente quem o fizer. As denúncias podem ser feitas de forma anônima pelo Disque Denúncia (0300 253 1177) ou diretamente ao SAC do Parnaso. É um gesto pequeno que pode evitar meses de trabalho de recuperação e, mais importante, poupar a vida de quem se dedica a proteger essas montanhas que tanto amamos.

Nesta edição, conversamos com os brigadistas que estiveram na linha de frente desses incêndios, para entender de perto o que significa esse trabalho — muitas vezes silencioso, sempre essencial.



**Cleldson d'Almeida Basílio**
*Chefe de esquadrão*

**O que te motivou a se tornar brigadista?**
O propósito de defender nossas matas, cachoeiras e nossa biodiversidade.
**Como é a preparação antes de um incêndio acontecer?**
Uma alimentação adequada e uma boa noite de sono.
**Como foi enfrentar o incêndio em área de difícil acesso na serra? Quanto tempo até chegar ao local?**
Normal na nossa região — todos os lugares são de montanha. Uma hora e meia até o local.
**Quais foram os maiores desafios em campo?**
O clima é o pior inimigo.
**Houve algum momento de maior risco? Como foi contornado?**
Sim, quando o vento vira. Aproveitamos o talvegue, pois ali, dependendo do lugar, o vento não entra, tornando o combate mais eficaz.
**Quais técnicas e equipamentos vocês usam no combate em terrenos de montanha?**
Foice e facão para abertura de aceiro. Na região serrana, ainda é uma das melhores técnicas.
**Como avaliam o comportamento do fogo para decidir a estratégia?**
A velocidade do vento, o combustível disponível e a quantidade de brigadistas no local. O apoio aéreo nem sempre está disponível.
**O que sentem ao ver a área salva — ou a destruição, quando o fogo já se espalhou?**
O que não queimou dá um prazer muito grande, pois evitamos que o incêndio continuasse. Tristeza, porque geralmente são áreas que vão demorar para se regenerar.
**Acham que o trabalho do brigadista é reconhecido como deveria?**
Infelizmente, não. Queremos reconhecimento — carteira de trabalho como Brigadista Florestal.
**Qual mensagem deixariam para quem frequenta o parque sobre soltar balões?**
Já esgotamos os suplementos da Terra. Daqui para frente, sofreremos tragédias cada vez maiores.

******

**Leonardo**
*Brigadista da primeira brigada*

**O que te motivou a se tornar brigadista?**
Querer ajudar o meio ambiente. Por mais árduo que seja o trabalho no incêndio, fico feliz em dar o meu melhor.
**Como é a preparação antes de um incêndio acontecer?**
Ver a logística de equipamentos e mantimentos para a situação, e o condicionamento físico de cada combatente antes de ir para a ocorrência.
**Como foi enfrentar o incêndio em área de difícil acesso na serra? Quanto tempo até chegar ao local?**
Foi um tanto cansativo, mesmo conhecendo o lugar — é preciso estar bem preparado. O tempo de deslocamento varia, geralmente de uma a quatro horas, podendo levar até mais.
**Quais foram os maiores desafios em campo?**
Cansaço e terreno.
**Houve algum momento de maior risco? Como foi contornado?**
Sim — havia visitantes na trilha durante o combate. Retiramos todos logo em seguida.

**Quais técnicas e equipamentos vocês usam no combate em terrenos de montanha?**
Entender a direção e a intensidade do vento. Ferramentas: abafadores, bombas costais e soprador.

**Como avaliam o comportamento do fogo para decidir a estratégia?**
Pela experiência da brigada — durante o combate conseguimos ter uma visão melhor de como agir da melhor forma.

**O que sentem ao ver a área salva — ou a destruição, quando o fogo já se espalhou?**
Alívio, mas também tristeza, por saber que a vegetação destruída em poucas horas pode levar meses ou anos para se reconstruir.

**Acham que o trabalho do brigadista é reconhecido como deveria?**
Acredito que não.

**Qual mensagem deixariam para quem frequenta o parque sobre soltar balões?**
Se conscientizar — soltar balões tem grande probabilidade de causar incêndios, machucar animais e prejudicar o meio ambiente.

******

**Wilson**
*Brigadista há três anos*

**O que te motivou a se tornar brigadista?**
A oportunidade de ajudar a proteger a natureza.

**Como é a preparação antes de um incêndio acontecer?**
Procuramos estar sempre preparados — equipamentos, conhecimento do terreno, e principalmente preparo físico e mental.

**Como foi enfrentar o incêndio em área de difícil acesso na serra? Quanto tempo até chegar ao local?**
Algumas equipes chegaram rápido de helicóptero; outras, um pouco depois, devido à área de montanha.

**Quais foram os maiores desafios em campo?**
Um suporte com mais informação — por exemplo, imagens aéreas de drone — ajudaria bastante.

**Houve algum momento de maior risco? Como foi contornado?**
Guiamos os visitantes para locais seguros.

**Quais técnicas e equipamentos vocês usam no combate em terrenos de montanha?**
Sopradores, abafadores, bombas costais, além de estratégias de controle do fogo conforme o terreno, o combustível e o microclima local — principalmente intensidade e direção do vento.

**Como avaliam o comportamento do fogo para decidir a estratégia?**
Depende muito das informações disponíveis no momento — ter uma visão real do fogo é essencial para as decisões.

**O que sentem ao ver a área salva — ou a destruição, quando o fogo já se espalhou?**
Sentimos que o trabalho não acabou, e que não vamos parar até a completa extinção do fogo.

**Acham que o trabalho do brigadista é reconhecido como deveria?**
Acho que não se trata de reconhecimento — estamos na linha de frente contra o fogo.

**Qual mensagem deixariam para quem frequenta o parque sobre soltar balões?**
Denuncie! Soltar balões é crime.

**Juca**
*Brigadista experiente*

**O que te motivou a se tornar brigadista?**
Amor pela minha profissão, pela natureza e pelos animais.
**Como é a preparação antes de um incêndio acontecer?**
Formar a logística, os equipamentos e manter o foco.
**Como foi enfrentar o incêndio em área de difícil acesso na serra? Quanto tempo até chegar ao local?**
Sempre muito difícil — situações em que só Deus para nos proteger. O tempo depende do local do incêndio.
**Quais foram os maiores desafios em campo?**
Cansaço e terreno.
**Houve algum momento de maior risco? Como foi contornado?**
Sempre há risco ao combater incêndio em áreas remotas.
**Quais técnicas e equipamentos vocês usam no combate em terrenos de montanha?**
Abafador, bomba costal e soprador.
**Como avaliam o comportamento do fogo para decidir a estratégia?**
Depende do incêndio.
**O que sentem ao ver a área salva — ou a destruição, quando o fogo já se espalhou?**
Quando há muita destruição, é muito triste ver a cena; quando a área é salva, é um alívio.
**Acham que o trabalho do brigadista é reconhecido como deveria?**
Nem sempre é reconhecido.
**Qual mensagem deixariam para quem frequenta o parque sobre soltar balões?**
Não soltar balões, porque é crime — arrisca nossas vidas, a da natureza e dos animais. Quem sofre são os brigadistas e os bombeiros no combate a esse crime ambiental.

**Uma reflexão final**

Um ponto atravessa as quatro entrevistas: nenhum dos brigadistas sente que o trabalho é devidamente reconhecido pela sociedade. Eles seguem na linha de frente, dia após dia, protegendo uma riqueza natural que é de todos nós — muitas vezes sem o reconhecimento formal, sem carteira assinada como categoria profissional, e quase sempre invisíveis aos olhos de quem caminha pelas trilhas que eles ajudam a preservar.

Que esta matéria seja um pequeno gesto de gratidão a esses guardiões da serra — e um lembrete de que cuidar da montanha começa com escolhas simples: não soltar balões, e denunciar quem o faz.






*Palestra "Guardiões da Montanha"*




*Travessia CEP 70 x Pedra da Cuca - Interclubes CEP-CET*



*Escalada Pardedão Povos Originários*



*Palestra "Expedição Bolívia"*




*Travessia Araras x Vale das Videiras - Interclubes CEP + CNM*




*Travessia Pedra da Amizade x Serra Negra x Seio de Vênus*




*Bico do Papagaio - Interclubes CEP + CEB + CNM*




*Morro dos Macacos*




*Seio de Vênus*




*Morro do Careca - Interclubes CEP + CET*



*Invasão feminina na Pedra do Pastor - Interclubes CEP + CERJ*




*Palestra "Gerenciamento de risco jurídico na montanha"*





*Limpeza do Açú*




*Limpeza do Açú*

# PROGRAMAÇÃO

| Data | Atividade | Tipo | Responsável |
|---|---|---|---|
| **12/09** | Pedra do Pastor (1.260m) – Via Paredão Nubrina | Escalada (4° IV) | Marcelo Theobald |
| **13/09** | Caminho Peregrino – PARNASO Morin/REVIS Serra da Estrela | Caminhada moderada superior | Marcelo de Figueiredo |
| **20/09** | Pico da Maria Comprida (1.926m) via Leander – Serra das Araras | Caminhada pesada com Escalada | Paulo Lúcio |
| **25/09** | **Palestra:** "Assédio e importunação sexual no montanhismo: o papel da comunidade" - GT Mulheres FEEMERJ | Local: Sede<br>Horário: 18h | |
| **26/09** | Limpeza do Morro do Açú (2.232m) – PARNASO Bonfim | Caminhada pesada | Alfredo Eccard |
| **27/09** | Tavessia Cobiçado (1.678m) x Alto da Ventania (1.560m) - Interclube com o Centro Excursionista Teresopolitano (CET) – PARNASO Morin/Caxambú | Caminhada moderada superior | Edson Gonçalves |
| **03/10** | Portais de Hércules (1.920m) – PARNASO Bonfim | Caminhada pesada superior | Paulo Lúcio |
| **04/10** | Morro dos Macacos (990m) – REVIS Serra da Estrela | Caminhada moderada superior | Renan Hansen |
| **10/10** | Morro do Teto (1.620m) – PARNASO Bonfim | Caminhada Moderada | Nina Silva |
| **12/10** | Pilatos (1.969m) – PARNASO Jacó | Caminhada moderada superior | Paulo Lucio |
| **17/10** | Morro da Mensagem (1.437m) – Serra das Araras | Caminhada moderada | Nina Silva |
| **18/10** | Circuito Caminho Peregrino x Caminho do Ouro – PARNASO Morin/REVIS Serra da Estrela – Interclube com o Centro Excursionista Teresopolitano (CET) | Caminhada pesada | Edson Gonçalves |

# PROGRAMAÇÃO

| Data | Atividade | Tipo | Responsável |
|---|---|---|---|
| **24/10** | Circuito Pedra do Inferno (1.756m) x Alto da Ventania (1.560m) – PARNASO Caxambú | Caminhada pesada | Paulo Lucio |
| **25/10** | Morro da Oficina (1.139m) – Serra da Estrela | Caminhada moderada | Renan Hansen |
| **30/10** | **Palestra e aniversariantes do mês** | Local: Sede<br>Horário: 18h | |
| **31/10** | Jacuba Maior ou Pedra do Elefante (1.513m) – Serra do Taquaril | Caminhada moderada superior | Paulo Lúcio |
| **02/11** | Pedra do Balão (2.059m) – PARNASO Bonfim | Caminhada pesada | Paulo Lúcio |

**Benefício para sócios do CEP**

Os sócios do Clube têm 10% de desconto na mensalidade nas aulas de Pilates do Estúdio Kineses.
Para mais informações sobre o benefício, valores e horários, entre em contato diretamente com o Estúdio pelo WhatsApp 24 99267-7706

# NOTÍCIAS FEEMERJ



No dia 15/08 rolou o 5° Encontro de Dirigentes de Clubes com a FEEMERJ. A reunião foi realizada na sede do Centro Excursionista Brasileiro (CEB).
Essa edição foi aberta a todos os associados de clubes e associados diretos da Federação.

O CEP foi representado pelos membros da diretoria Alfredo, Paulo Lúcio e Nina. Na ocasião foi apresentada a proposta de alteração do Estatuto da federação e discutido com os presentes as implicações e possíveis desdobramentos. Para saber mais, procure o presidente ou diretor técnico do CEP!

**Assédio e importunação sexual no montanhismo: o papel da comunidade**




Nos últimos anos, cresceu o número de relatos de condutas impróprias dentro do montanhismo: toques indesejados, comentários inapropriados e violências "invisíveis" ocupam a maioria dos casos.
O que a comunidade pode fazer para tornar os ambientes de montanha mais seguros para todas pessoas? Quais condutas podemos adotar? Como lidar com casos de assédio e importunação sexual?
Para responder estas e outras perguntas, a FEEMERJ, através do *GT Mulheres*, elaborou as "Diretrizes para minimizar assédio e importunação sexual no montanhismo", além de realizar rodas de conversa sobre o tema. Nossa diretora de comunicação, Nina Silva, representa o CEP neste GT.
Junte-se a nós nesta conversa: a discussão envolve toda a comunidade e a participação de todo mundo é super importante!

**Nova via de escalada -** Os sócios do CEP Jeferson Costa e Tonico Magalhães conquistaram uma nova via de escalada na Cachoeira da Ponte Funda, localizada na descida para o Vale das Videiras, em Petrópolis (RJ).
Batizada de **Via Vai Fundo,** a via está localizada à esquerda da cachoeira e possui aproximadamente 100 metros de extensão, com graduação 3° IV D1 E1/E2.
O início apresenta uma sequência bem protegida. A recomendação dos conquistadores é realizar a primeira parada no platô, a cerca de 30 metros da base. Para seguir diretamente até a P1, são necessárias aproximadamente 14 costuras de tamanhos variados. No final da primeira enfiada, há também possibilidade de colocação de proteção móvel pequena. A segunda enfiada possui cerca de 40 metros.
As proteções fixas utilizadas na via são chapeletas PinGo e bolts em aço inox 304. O rapel pode ser realizado com uma corda de 60 metros.
Além da nova opção de escalada, a Cachoeira da Ponte Funda tem acesso relativamente fácil e conta com um excelente poço para banho, tornando o local uma boa opção para combinar escalada e cachoeira.







**Abertura de trilha e colocação de livros de cume –** Nos meses de julho e agosto, os sócios Marcelo García e Mariana Moreno reabriram a trilha e colocaram livro de cume no Morro do Balão, além de livro de levar um novo livro de cume no Taquaril. Lembrando que o CEP adquiriu cadernetas com canetas para livros de cume. Havendo necessidade favor solicitar a diretoria